



Revista da Faculdade  
de Educação

## O ATENEU: A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Sonia Maria Vieira Negrão

**RESUMO :** O presente estudo faz a análise da organização pedagógica que se encontra representada no romance *O Ateneu* de Raul Pompéia, tencionamos perceber as contradições e as determinações sociais aludidas pelo romancista, a fim de provocar reflexões sobre uma prática pedagógica alternativa para o ensino superior a partir de dois pontos: a) salientar os pressupostos que embasam a proposta pedagógica; b) relacionar a metodologia do professor à posição assumida diante de sua compreensão e explicação do contexto social. Nesse texto analisamos o contexto sócio-histórico-cultural por meio de uma experiência apresentada pelo texto literário e os elementos pedagógicos das práticas ali representadas, tais como: a organização do trabalho, a concepção de ensino, de aprendizagem, de currículo e de conhecimento escolar, de relação pedagógica, de metodologia, avaliação e de profissão docente. No *O Ateneu*, a instituição escolar incorporou a divisão social do trabalho, a fragmentação, o controle burocrático da sociedade capitalista. No entanto, acreditamos que a organização do trabalho pedagógico pode propiciar o rompimento com essa realidade, quando assentada em princípios socializantes e democráticos. Nesse sentido, a opção do professor deve ser quanto ao tipo de organização de sociedade que ele pretende participar da construção e, como decorrência necessária, ajudar na elaboração de um projeto pedagógico que vá contribuir na construção do tipo de sociedade pretendida. Com esse entendimento, a metodologia pode possibilitar a construção de novas formas do trabalho pedagógico em suas conexões com a organização social. No processo ensino-aprendizagem professores e alunos devem ser agentes críticos que interajam de forma a favorecer a produção do conhecimento alicerçada no diálogo propiciando a autonomia, independência e criatividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação de professor; literatura; prática pedagógica; ensino superior; organização do trabalho escolar.

**ABSTRACT:** The present study analyzes the school organization represented in the novel named *O Ateneu*, by Raul Pompéia. We aim at perceiving the contradictions and the social determinations, mentioned by the novelist, with the purpose of provoking reflections on the alternative school organization for the university education from two points: a) to make evident the purposes on which the pedagogical proposal is based; b) to establish relations between the teachers' methodology and the position assumed according to their understanding and explanation of the social context. In this paper we analyze

the social-historical-cultural context based on an experience showed by the literary text, and the practice pedagogical elements it represents as well, such as: the work organization, the teaching, learning, curriculum, and school knowledge conceptions, as well as the pedagogical relationship, methodology, evaluation, and teachers' profession. In *O Ateneu* the school institution incorporated the work social division, the fragmentation, the bureaucratic control of the capitalist society. However, we believe that the pedagogical work organization can propitiate the rupture with this reality, when based on socializing and democratic principles. In this sense, the teachers option must be related to the kind of society organization of whose construction they intend to participate and, as a necessary consequence, to help in the elaboration of a pedagogical project that can contribute to the construction of a desired society. Therefore, the methodology can make the construction of new ways of pedagogical work possible, in connection with the social organization. Considering the teaching-learning process, teachers and students must be critical agents who interact in the sense of favoring the knowledge production based on the dialogue, propitiating autonomy, independence, and creativity.

**KEYWORDS:** teacher's formation; literature; practice pedagogical; university education; school work organization.

No presente texto procuro fazer a análise da organização pedagógica que se encontra representada no romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia, onde destaco as contradições e as determinações sociais que em que o *Ateneu* está contextualizado, a fim de provocar reflexões sobre uma prática pedagógica alternativa para o ensino superior a partir de dois pontos: a) salientar os pressupostos que embasam a proposta pedagógica aludidas no romance; b) relacionar a metodologia do professor à posição assumida diante de sua compreensão e explicação do contexto social.

Como primeiras palavras quero dizer que tenho vivido algumas experiências em que busco garantir a unidade teórico-prática de meu trabalho pedagógico. No entanto, percebo que, ora separo teoria e prática, ora acontece justaposição ou o predomínio de uma sobre a outra, o que pode gerar no meu grupo de alunos a valorização, de um lado, da posição idealista, ou seja, do discurso de falar sobre, ficando a prática relegada a segundo plano e, de outro, a ênfase da prática, que viabiliza o pragmatismo e o utilitarismo. Tentando avançar metodologicamente, procuro exercitar uma abordagem relacional.

Segundo Veiga, o processo de ensino precisa ser considerado como um todo, como um fluxo composto de elementos inter-

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

relacionados. "Esta visão relacional considera o processo de ensino como um processo em movimento. A estrutura relacional é alicerçada no diálogo, na troca de conhecimentos. Ela propicia a passagem da subordinação à autonomia, da dependência à independência, da imitação à criatividade" (1993, p. 82). Veiga também diz que na abordagem relacional é preciso trabalhar o processo de ensino a partir da "análise e compreensão das condições, interesses e necessidades da sociedade e da educação. Portanto, o ensino não pode ser entendido isolado do contexto mais amplo que o engloba" (ibid., p. 84).

Na abordagem relacional, a metodologia e a organização do trabalho docente não significam a adoção de uma nova técnica de ensino, mas implica uma nova postura por parte de professores e alunos. Nesse sentido, "tanto professores como alunos deixam de ser sujeitos passivos e se transformam em sujeitos ativos capazes de propor ações coerentes que propiciem a superação das dificuldades detectadas na organização do trabalho" (Veiga, 2002, p. 139).

Assim sendo, procuro efetivar em sala de aula a análise crítica da organização do trabalho pedagógico vivenciada pelos sujeitos da ação educativa (alunos e professora), iniciando pela reconstrução do perfil do grupo, incluindo a expressão que envolve fatos, conceitos, valores, sentimentos e expectativas e a problematização que evidenciam as posições dos participantes a respeito das questões que envolvem a organização do trabalho vivenciada e não-vivenciada e que precisam ser resolvidas, o que permite captar a direção do que acontece dentro da instituição escolar, sem desvinculá-la do contexto social mais amplo. Uma boa forma de estruturar a análise crítica da concepção do trabalho não vivida é a apreendida por meio de textos literários.

Em uma interessante conferência, Richard Rorty (1993) imagina o nosso mundo sem o Ocidente que teria desaparecido vítima de uma catástrofe nuclear. Nesse quadro, o pouco que havia resultado da cultura ocidental teria sido o que africanos e asiáticos tinham em seu poder. E se, por algum motivo, eles não tivessem guardado obras de filósofos, mas só de escritores, de romancistas como Dickens, por exemplo, Rorty diz que se daria por satisfeito. Para ele, a redescoberta literária (que é pessoal, social, política e cultural ao mesmo tempo) diz mais sobre uma sociedade do que muitos tratados científicos, filosóficos, políticos e sociológicos. Na perspectiva rortyana, quando podemos redescrever o mundo e a nós mesmos, não estamos fazendo algo que, como se diz tradicionalmente, não muda nada, mas fazendo exatamente algo pelo qual as coisas mudam. O cultivo de múltiplas narrativas, ao

contrário da visão teórica que adota uma só descrição, proporcionando a possibilidade de fazermos história, de alterarmos as coisas.

Compartilho do entendimento que os textos literários podem nos dizer muito sobre a sociedade e o momento histórico em que a produção textual está localizada. Assim apresento uma análise da organização pedagógica que se encontra representada no romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia (1888), tendo como ponto de partida o entendimento de que a organização do trabalho pedagógico é produto da forma como a sociedade organiza o trabalho em geral. O trabalho pedagógico é produto de tais relações, o que significa que a instituição escolar incorporou a divisão social do trabalho, a fragmentação, o controle burocrático, com desvinculação entre teoria e prática, conteúdo e forma, ensino e pesquisa, professor e aluno.

Então, convido-o, leitor, para adentrar comigo em *O Ateneu*. Em primeiro lugar, devemos lembrar que a obra é memorialista. Seu narrador, Sérgio, apresenta suas memórias de infância e adolescência em um colégio interno chamado Ateneu. Além disso, não devemos esquecer de que Sérgio é o alter-ego, ou seja, um outro "eu" de Raul Pompéia. Em outras palavras, o narrador recebe a personalidade e também as memórias do autor, já que este também estudou em um internato, o Colégio Abílio, do Rio de Janeiro, fundado por Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, estabelecimento modelo, considerado sem rival na Europa<sup>1</sup>. Em 1873, o menino Raul Pompéia, na época com 10 anos, é matriculado por seu pai nesse colégio, que, junto com o Imperial Colégio D. Pedro II, era o local onde a burguesia brasileira mandava seus filhos quando lhes queriam dar uma educação coerente com a posição social. O advogado Antônio d'Ávila Pompéia descendia de uma família latifundiária mineira e sonhava para seu único filho um lugar de relevo na sociedade.

De modo geral, durante o Período Imperial (1822-1889), a sociedade brasileira fundava-se em uma economia agroexportadora e latifundiária que, uma vez abolida a escravidão, passaria a se valer predominantemente do trabalho semi-servil. Assim sendo, as suas camadas médias eram constituídas basicamente por indivíduos desligados da atividade produtiva para os quais a escolaridade era, em grande parte, responsável pela posição social (XAVIER, 1994, p. 66).

---

<sup>1</sup> Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - 1925 - 1º semestre nº 50. Número especial dedicado ao barão de Macaúbas. Disponível em <[www.medicina.ufba.br/historia\\_med/hist\\_med\\_art09.htm](http://www.medicina.ufba.br/historia_med/hist_med_art09.htm)>, acessado em 30/04/04.

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

A instrução elementar permaneceria, para as camadas mais privilegiadas da população brasileira, como uma tarefa própria da família. Esta procurava realizá-la na melhor tradição senhorial, por meio de preceptores (XAVIER, 1994, p. 74). Assim estudara, até aos dez anos, Raul Pompéia.

Sérgio revive essa experiência:

Eu tinha onze anos. Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas, timidamente, ignorando as lições com maior regularidade, e bocejava até as duas. [...] Ao meio dia, davam-nos pão com manteiga. [...] Lecionou-me depois um professor em domicílio. Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava virgem para as sensações novas da nova fase. O internato"! [...] "Vais encontrar o mundo", disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*. "Coragem para a luta". Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a imagem única de fazer sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso (POMPÉIA, 2003, p.7-8).

Em *O Ateneu* não há o relato exato e documental de fatos do passado. Raul Pompéia encaminha-se inúmeras vezes para a fixação de um momento, de um clima, de uma atmosfera perdida no passado. Ao invés de contar uma história, preocupa-se em relatar uma seqüência de impressões, sensações subjetivas que marcaram o narrador a ponto de atravessar o tempo e serem os elementos mais nítidos de sua memória.

O romance mostra um poder de crítica bastante eficaz e tudo de forma criativa, pois se faz por meio de um jogo entre o microcosmo (escola) e o macrocosmo (sociedade). O u seja, a escola é um reflexo da sociedade, bastando para o autor, portanto, para criticá-la, apenas descrever as relações que se estabelecem naquele local.

O ataque mais chamativo se dá em relação ao sistema educacional, representado pela figura do Dr. Aristarco, diretor e dono

do colégio. Além de ele se mostrar alguém bastante vaidoso, egocêntrico, autoritário e dotado de uma linguagem altissonante e de elevada retórica (já que a moralidade e a firmeza de caráter que anuncia em sua escola de fato não se realizam), chama a atenção a confusão que ele estabelece ao não diferenciar a escola de uma empresa.

Magistral é o primeiro capítulo onde se realiza essa crítica. Vê-se um narrador que, abusando da ironia, apresenta Aristarco preocupado em pintar o colégio como um negociante preocupado com as aparências de seu estabelecimento comercial. Não é à toa que o vocabulário usado nesses trechos é típico de estabelecimentos comerciais.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do norte, enchia o império com seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à sustância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, [...] inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito (PO M PÉIA, 2003, p. 9).

O tratamento dado aos alunos difere-se, muitas vezes, influenciado pelo poder econômico que cada um possui.

Afinal, o dia chegou dos exames primários. Provas de formalidade para as transições do curso elementar: primeira aula, para a segunda, segunda para a terceira, terceira para o ensino secundário. Levavam-se assentos e mesas para o salão do oratório, vestido o altar de um reposteiro, e repoteava-se a comissão solene, da qual faziam parte personagens da Instrução Pública, com o diretor e os professores. Aristarco representava, na mesa, o voto pensado do guarda-livros. Contas justas: aprovação com louvor, cambiando às vezes para distinção simples; atraso de trimestre, aprovação plena com risco de simplificação; atraso de semestre, reprovado. Havia no **Ateneu**, fora desta

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

regra, alunos gratuitos, dóceis criaturas, escolhidos a dedo para o papel de complemento objetivo de caridade, tímidos como se os abatesse o peso do benefício; com todos os deveres, nenhum direito, nem mesmo o de não prestar para nada. Em retorno, os professores tinham obrigação de os fazer brilhar, porque caridade que não brilha é caridade em pura perda (PO MPÉIA, 2003, p.109).

Além disso, avassaladora é a descrição do diretor dedicando parte do dia ao livro de contabilidade da escola. O vocabulário pomposo e retumbante vai-se opor à decadência que grassa na escola, o que reforça a hipocrisia dominante não só no colégio, mas na sociedade, em que o ideal defendido mostra-se gritantemente diferente do real praticado.

Aristarco, que consagrava todas as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia, analisava os assentamentos do guarda-livros. De momento a momento entravam alunos. Alguns acompanhados. A cada entrada, o diretor lentamente fechava o livro, marcando a página com um alfanje de marfim; fazia girar a cadeira e soltava interjeições de acolhimento, [...] O rapaz desaparecia, levando o sorriso pálido na face, saudoso da vadiação ditosa das férias. O pai, o correspondente, o portador despedia-se [...] A cadeira girava de novo para a posição primitiva; o livro da escrituração espalmava outra vez páginas enormes; e a figura paternal do educador desmanchava-se, volvendo a simplificar-se na esperteza atenta e seca do gerente. [...] nenhum esforço lhe custava a manobra. [...] eram como duas almas inconhas num só corpo. [...] sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmago de cada sorriso, morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseadas na razão discreta das notas do guarda-livros. Às vezes, uma criança sentia alfinetadas no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado. Por diversas causas a minha recepção devia ser

## **Multitemáticas - Ano III - nº 03 - Jan/Jun 2005**

---

das melhores. Efetivamente; Aristarco levantou-se ao nosso encontro e nos conduziu à sala especial das visitas. Saiu depois a mostrar o estabelecimento, as coleções, em armários, dos objetos próprios para facilitar o ensino" (PO MPÉIA, 2003, p. 20-21).

Mas não se pode comparar ao pé da letra o **Ateneu** com o Colégio Abílio. Na vida de Raul Pompéia, o diretor Abílio César Borges gozou de uma lembrança bem contrária àquele ódio que Aristarco despertava em Sérgio, narrador e protagonista. Em 1891, quando morreu o famoso Barão de Macaúbas, Pompéia dedicou-lhe verdadeira homenagem (FLO RIDO, 2003, p. 725). Essa pode ser uma leitura dos fatos, outra bem pode ser que, Pompéia, por ocasião da morte de Borges, três anos após a publicação de **O Ateneu**, quis amenizar as possíveis comparações que, com certeza, rondavam a sociedade do Rio de Janeiro.

Do século XIX procedem os sistemas nacionais de educação e as grandes leis da instrução pública de todos os países europeus e americanos. Todos levam a escola primária aos últimos confins de seus territórios, fazendo-a universal, gratuita, obrigatória e, na maior parte, leiga ou extraconfessional.

Luzuriaga diz que:

a educação pública, no grau elementar, fica firmemente estabelecida, com o acréscimo de dois novos elementos: as escolas da primeira infância e as escolas normais para preparação do magistério. No que tange a educação secundária, também fica fundada, nas linhas gerais, sem alcançar, contudo, o desenvolvimento da primária, por limitar-se a uma só classe social, a burguesia, e por ser considerada apenas como preparação à Universidade (1987, p. 180).

O setor educacional brasileiro, segundo Cotrim,

Durante o primeiro reinado, a regência e o segundo reinado, conheceu pouca evolução em termos substanciais. É digna de nota a criação, em 1827, dos cursos de direito em São Paulo e O lina e do curso secundário do Colégio Pedro II, que se tomou um padrão a ser seguido pelas outras escolas do mesmo nível. Mas a qualidade geral do ensino permaneceu inalterada, em relação ao período anterior a independência. Era uma educação de fachada, ornamental, acadêmica, desvinculada



## **Revista da Faculdade de Educação**

---

da realidade social. A instrução era apenas uma forma de demonstração de **status**, servindo, quando muito, para auxiliar a ascensão do indivíduo ao exercício da atividade política. Falava-se muito em educação, arquitetava-se lindos planos reformadores, mas tudo não ia além do papel, jamais alcançando o estágio da efetivação prática (1982, p. 266-267).

A descentralização da administração pública no país durante o período das Regências, gerada pelo Ato Adicional Diogo de Feijó (1834), acabou resultando no que diz respeito ao sistema de instrução, na transferência da competência relativa às Escolas de Primeiras Letras para os governos provinciais. Considerando a penúria em que se encontrava grande parte das províncias, para as camadas populares resultou a consumação do caráter crônico da precariedade da oferta de escolas elementares.

Para Ribeiro, “neste período onde a regra foi o superávit econômico, a educação não contou com verbas suficientes que possibilitassem, ao final do século XIX, um atendimento pelo menos elementar da população em idade escolar” (1979, p. 59). Isso demonstra que para a monarquia brasileira nem a instrução primária tornou-se necessária para toda a população. E, em contraposição, houve a proliferação do ensino secundário particular.

O sistema de ensino de elite no Brasil se constituiu desde o início do Primeiro Reinado (1822-1831). Isso se operou por meio da implantação de cursos superiores, predominantemente estatais, dado o caráter oneroso da sua instalação e do seu funcionamento, e de cursos preparatórios oficiais e particulares. Estes últimos geralmente confessionais. Segundo Xavier *et al.*, “até meados da década de 30 do século XIX, a formação secundária, salvo o que ocorria nos seminários e nos colégios religiosos, era ministrada por meio de aulas avulsas, tal como se implantara desde a expulsão dos jesuítas. A partir de então, apareceram os primeiros currículos seriados nas províncias, logo uniformizados pelo modelo que viria a se constituir com a criação do Colégio D. Pedro II em 1837, e inaugurado em 1838 no Rio de Janeiro” (1994, p. 73).

Para Ribeiro (1979), o ensino secundário brasileiro não conseguia conciliar o preparo para o curso superior com uma formação humana a nível médio, mesmo atendendo a reduzido número de alunos. As condições concretas do meio determinavam sua única função, o preparo para o ensino superior.

### **Multitemáticas - Ano III - nº 03 - Jan/Jun 2005**

---

A solução dos problemas escolares era buscada nas teorias dos modelos escolares estrangeiros, principalmente nos liceus franceses que buscavam uma conciliação entre formação literária e científica. O Colégio D. Pedro II é um exemplo significativo, já que foi proposto como modelo que deveria ser imitado (RIBEIRO, 1979, p. 60).

Embora Sérgio freqüentasse o ciclo fundamental, hoje denominado a segunda fase do Ensino Fundamental, em alguns momentos, o leitor pode observar essa preocupação no *Ateneu*, como nos exemplos:

Aristarco iniciara um curso noturno de cosmografia. Estrelas eram com ele. O nobre ensino! Nenhum professor, sob pena de expulsão, abalanchava-se a intrometer-se nas onze varas da camisola de astrólogo. E vissem-no, à janela, indicando as constelações, impelindo-as através da noite com o pontudo dedo! Nós, discípulos, não víamos nada; mas admirávamos. Bastava ele delinear sabiamente um agrupamento estelino às alturas, para cada um de nós por seu lado ficar mais **a quo**. E voava, fugindo, a poeira fosforescente. Quanto a mim, o que sobretudo me maravilhava era a coragem com que Aristarco figava os astros, quando todos sabem que apontar estrelas faz criar verrugas (PO MPÉIA, 2003, p.44).

O Dr Cláudio encetou uma série de preleções aos sábados, à imitação das que fazia às quintas Aristarco, sobre lugares comuns de moralidade. Filosofia, ciência, literatura, economia, política, pedagogia, biografia, até mesmo política e higiene, tudo era assunto; interessantíssimas sem pesadas minuciosidades. Depois da astronomia do diretor, nenhuma curiosidade me valera tão bons minutos de atenção. Narrava-se a vida. As festas plutonianas do movimento, da ignição; a gênese das rochas, fecundidade infernal do incêndio primitivo, do granito, do pórfiro, primogênitos do fogo; o grande sono milenário dos sedimentos, perturbado de convulsões titânicas [...] (PO MPÉIA, 2003, p. 147).

Aqui, caro leitor, podemos inferir que a realidade é algo a ser transmitida ao indivíduo, principalmente pelo processo de educação formal. O aluno irá apossando-se gradativamente de uma compreensão cada vez mais sofisticada do mundo à medida que se encontra com modelos, ideais, aquisições científicas, raciocínios, demonstrações e teorias elaboradas ao longo dos séculos. O mundo, a vida, a ciência,

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

enfim, o conhecimento visto dessa forma parece 'curiosidades', como tão bem Sérgio definiu.

No entanto, trata-se de um tipo de abordagem pedagógica que inclui tendências e manifestações diversas oriundas de uma concepção que persiste no tempo denominada por alguns autores (SNYDERS, 1974; SAVIANI, 1987 e outros) como tradicional. No ensino tradicional, dá-se ênfase aos modelos em todas as áreas do saber. Privilegiam-se o especialista, os modelos e o professor, elemento imprescindível na transmissão de conteúdos. Na escola tradicional, o homem, no início de sua vida, é considerado uma espécie de *tabula rasa*, na qual são impressas, progressivamente, imagens e informações fornecidas pelo ambiente. Isso, diz-nos Mizukami, "quer considere o ensino verbalista predominantemente na Idade Média e Renascença, quer se considere o ensino defendido nos séculos XVIII e XIX, baseado numa psicologia sensual-empírica, a ênfase é dada no externo" (1986, p. 9). Vejamos como era no *Ateneu*:

A criação do *Grêmio Literário Amor ao Saber*, "duas vezes ao mês congregavam-se os amigos das letras, numa das salas de cima, a mesma das lições astronômicas de Aristarco. Havia ainda para iluminar as sessões pedaços de matéria cósmica pelos cantos, [...] As suas reuniões comparecia eu timidamente, para nada mais que simplesmente abusar, por excessivo consumo, de um direito dos estatutos: podiam todos do *Ateneu*, em silêncio humilde, maniscar o que fossem deixando os segadores do trigal das literaturas (PO MPÉIA, p. 78).

A maior utilidade do *Grêmio* para mim era a biblioteca. Uma coleção de quinhentos a seiscentos volumes de variado texto, zelados pela vigilância cerberesca do Bento Alves, bibliotecário, eleito de voto unânime (PO MPÉIA, 2003, p. 81).

Debatia-se este problema, dos inesgotáveis das agremiações congêneres. Quem foi maior, Alexandre ou César?, indagação histórica difícil evidentemente de levar a cabo sem auxílio da trena. Nearco (colega de Sérgio) arranhou a coisa a olho e distinguiu-se com a esperada galhardia. Falou durante hora e meia com uma fluência que lhe angariava para sempre o epíteto de facundo. Justapôs com o primor de um varejista de fazendas - César sobre Alexandre. César protestou contra a maneira, de barriga para o ar, que nada tinha de

artística; além disso espetava-o a armadura de Alexandre. Aquilo faria rir a Pompeu no armário das legendas e a maledicência do senado, comprometendo-se a seriedade secular do homem que foi, viu e venceu... Nearco manteve-o inexoravelmente durante o percurso do paralelo crítico. César não podia contar com os legionários do bom tempo; ali esteve a fazer caretas na sujeição inerme, *anima vilis* dos documentos de Alexandre, que afora o capacete, via-se ainda maiorzinho que o outro, teve mais paciência, deixando-se medir até à peroração, com a boa vontade de um defunto. Venceu com efeito. Nearco proclamou-o magno dos magnos, diversas polegadas maior que o temerário do Rubicon. O Grêmio esclarecido rejubilou. A discussão encerrou-se, não havendo mais quem falasse. Também havia cinco sessões que eram os pobres guerreiros tratados a metro. Por este memorável dia arvorou-se Nearco em notabilidade firmada. Esqueceram todos que ele fora matriculado sob quase compromisso de não dar um passo que não fosse um salto mortal, [...] Ficou em olvido a estréia acrobática. O **Grêmio Amor ao Saber** tomou-o a si, em posse exclusiva, como um orgulho (PO MPÉIA, 2003, p. 79).

Não faltavam, entretanto, poetas, jornalistas, polemistas, romancistas, críticos, folhetinistas. A sociedade tinha o seu órgão, o **Grêmio Amor ao Saber** impresso no Lombaerts, de que podiam ser canudos à vontade os sócios quites e ainda, por maior riqueza de harmonias, os honorários. Entre os honorários figurava Aristarco... (PO MPÉIA, 2003, p.79).

Esses e outros trechos de *O Ateneu* revelam uma formação acadêmica, humanística e retórica. Como a educação média desse período era meramente propedêutica, é de se entender que os níveis de ensino precedentes valorizassem conhecimentos que iniciassem o preparo para o ensino superior.

Segundo Romanelli:

pode-se ajuizar do quanto a educação foi minimizada, a ponto de transformar-se em mera ilustração e preparação para o exercício de funções, nas quais a retórica tem papel mais importante do que a criatividade. Tais funções eram exercidas por aqueles que praticavam o jornalismo e a política, razão pela qual as camadas em ascensão ou as

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

camadas dirigentes revelaram preferência especial pelas Faculdades de Direito. A cultura transmitida pela escola 'guardava pois, o timbre aristocrático'. E o guardava em função das 'exatas necessidades da sociedade escravista'. Enquanto não predominavam nessa sociedade relações de teor capitalista, nenhuma contradição de caráter excludente pôde ocorrer entre as camadas que procuravam a educação: a aristocracia rural e os estratos médios (1982, p. 41).

A atuação da escola brasileira no século XIX consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade. O compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade. O caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos, desde que se esforcem. Assim, os menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades e conquistar seu lugar junto aos mais capazes.

Os conteúdos de ensino são os conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações anteriores e repassados ao aluno como verdades. As matérias de estudo visam preparar o aluno para a vida, são determinadas pela sociedade e ordenadas na legislação. Os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual.

Como o ensino é caracterizado pela transmissão do patrimônio cultural, pela confrontação de modelos e raciocínios elaborados, a correspondente metodologia se baseia freqüentemente na aula expositiva e nas demonstrações do professor à classe.

Essa forma de ensino pode ser caracterizada, nos diz Mizukami,

pelo método maiêutico, "cujo aspecto básico é o professor dirigir a classe a um resultado desejado, por meio de uma série de perguntas que representam, por sua vez, passos para se chegar ao objetivo proposto. [...] Para que o professor possa utilizar tal método, a matéria a ser aprendida deverá ser dividida em vários elementos. A cada elemento correspondem perguntas às quais o aluno deverá responder. Fica visível, em sala de aula, uma troca verbal intensa entre professor e alunos, em termos das perguntas do primeiro e das respostas dos segundos, até que o resultado proposto seja atingido. Como os alunos chegam a esse resultado, infere-se que tenham compreendido o conjunto relacionado de idéias tal como foi proposto (1986, p. 16-17).

### **Multitemáticas - Ano III - nº 03 - Jan/Jun 2005**

---

A ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos ou fórmulas na memorização, visa disciplinar a mente e formar hábitos. Vejamos como Sérgio convivia com o dia-a-dia da escola:

No *Ateneu* formávamos a dois para tudo. Para os exercícios ginásticos, para a entrada na capela, no refeitório, nas aulas, para a saudação ao anjo da guarda, ao meio-dia, para distribuição do pão seco depois do canto. Por amor da regularidade da organização militar, repartiam-se as três centenas de alunos em grupos de trinta, sob o direto comando de um decurião ou *vigilante* (PO MPÉIA, 2003, p. 34).

Eu não estudava [...] Mantinha-me em satisfatória média, mas o risco da decadência era constante. O método constituía o pior obstáculo; sem auxílio de alguém, mais prático, estava perdido. Sanches havia sem dúvida de valer-me com sua capacidade de grande estudante. [...] Entrei pela geografia como em casa minha. As anfractuosidades marginais dos continentes desfaziam-me nas cartas, por maior brevidade de meu trabalho; os rios dispensavam detalhes complicados dos meandros e afluíam-me para a memória, abandonando o pendor natural das vertentes; as cordilheiras, imensa tropa de amestrados elefantes, arranjavam-se em sistemas de orografia fácilima, reduzia-se o número de cidades principais do mundo, sumindo-se no chão, para que eu não tivesse de decorar tanto nome; arredondava-se a cota das populações, perdendo as frações importunas, com prejuízo dos recenseamentos e maior gravame dos úteros nacionais; uma mnemônica feliz ensinava-me a enumeração dos Estados e das províncias. Graças à destreza de Sanches, não havia incidente estudado da superfície terrestre que se me não colasse ao cérebro como se fosse minha cabeça, por dentro, o que é por fora a esfera do mundo (PO MPÉIA, 2003, p. 36-37).

Para Luckesi, a idéia de que o ensino consiste em repassar os conhecimentos para o espírito da criança é acompanhada de outra,

a de que a capacidade de assimilação da criança é idêntica à do adulto, apenas menos desenvolvida. Os programas, então, devem ser dados numa progressão lógica, estabelecida pelo adulto, sem levar em conta as características próprias de cada

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

idade. A aprendizagem, assim, é receptiva e mecânica, para o que se recorre frequentemente à coação. A retenção do material ensinado é garantida pela repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria (1990, p. 57).

Assim, a transferência da aprendizagem depende do treino; é indispensável a retenção, a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma semelhante às respostas dadas em situações anteriores. Nesse entendimento, a avaliação se dá por verificações de curto prazo, como interrogatórios orais, exercícios de casa e de prazo mais longo, como provas escritas e trabalhos de casa. O esforço é, em geral, negativo por meio de punição, notas baixas, apelo aos pais; às vezes é positivo, por meio de emulação e classificações.

Vejamos como Sérgio relata suas experiências:

Entretinha-me a espiar os companheiros, quando o professor pronunciou meu nome. Fiquei tão pálido que Mânlio sorriu e perguntou-me, brando, se queria ir à pedra. Precisava examinar-me. De pé vexadíssimo, senti brumar-se-me a vista, numa fumaça de vertigem. [...] Respirei no ambiente adverso da maldita hora, perfumado pela emanção acre das resinas do arvoredo próximo, uma conspiração contra mim da aula inteira [...] Cambaleei até à pedra. O professor interrogou-me; não sei se respondi. Apossou-se-me do espírito um pavor estranho. Acovardou-me o terror supremo das exibições, imaginando em roda a ironia má de todos aqueles rostos desconhecidos. Amparei-me 'a tábua negra, para não cair; fugia-me o solo aos pés, com a noção do momento; envolveu-me a escuridão dos desmaios, vergonha eterna! Liquidando-me a última energia... pela melhor das maneiras piores de liquidar-se uma energia.. Do que se passou depois, não tenho idéia (PO MPÉIA, 2003, p. 25).

A didática tradicional poderia ser resumida em 'dar a lição' e em 'tomar a lição'. São reprimidos os elementos da vida emocional ou afetiva por se julgarem impeditivos de uma boa e útil direção do trabalho de ensino.

Quanto aos castigos:

A mais terrível das instituições do **Ateneu** [...] Era o livro das notas. Todas as manhãs, infalivelmente, perante o colégio em peso, congregado para o

primeiro almoço, às oito horas, o diretor aparecia a uma porta, com a solenidade tarda das aparições, e abria o memorial das partes. Um livro de lembranças comprido e grosso, capa de couro, rótulo vermelho na capa, ângulos do mesmo sangue. Na véspera cada professor, na ordem do horário, deixava ali a observação relativa à diligência dos seus discípulos. Era o nosso jornalismo. Do livro aberto como as sombras das caixas encantadas dos contos de maravilha, nascia, surgia, avultava, impunha-se a opinião do **Ateneu**. Rainha caprichosa e incerta, tiranizava essa opinião sem corretivo como os tribunais supremos. O temível noticiário, redigido ao sabor da justiça suspeita de professores, muitas vezes despedidos por violentos, ignorantes, odiosos, imorais, erigia-se em censura irremissível de reputações. O julgador podia ser posto fora por uma evidência conclusiva dos seus defeitos; a difamação estampada era irrevogável. E o pior é que lavrava o contágio da convicção e surpreendia-se cada um consecutivamente de não haver reparado que era mesmo tão ordinário tal discípulo, tal colega, reforçando-se passivamente o conceito, até consumir-se a obra de vilipêndio quando, por último, o condenado, sem mais uma sugestão de revolta, achava aquilo justo e baixava a cabeça. A opinião é um adversário infernal que conta com a cumplicidade, enfim da própria vítima. [...] À medida que se desenrolava a gazetilha, as ânsias iam serenando. Os vitimados fugiam, acabrunhados de vergonha, oprimidos sob o castigo incalculável de trezentas carinhas de ironia superior ou compaixão de ultraje. Passavam junto de Aristarco ao sair para a tarefa penal de escrita. O diretor, arrepiando uma das cóleras olímpicas que de um momento para outro sabia fabricar, descarregava com o livro às costas do condenado, agravante de injúria e escárnio à pena de difamação. O desgraçado sumia-se no corredor, cambaleando" (PO MPÉIA, 2003, p.46).

No dia seguinte no almoço, amargava eu, sem açúcar que me bastasse, o resto do café quinado de expectativa (porque Mânlio tinha-me prevenido), quando Aristarco, alargando pausas dramáticas de comoção, ler, claro, severo: - O Sr. Sérgio tem degenerado... Eu havia figurado já na gazetilha do **Ateneu** com algumas notas de louvor; guardou-se sensação para a nota má. O diretor olhou-me sombrio. No fundo do silêncio comum do refeitório,



## Revista da Faculdade de Educação

---

cavou-se um silêncio mais fundo, como um poço depois de um abismo. Senti-me devorado por este silêncio hiante. A congregação justiceira dos colegas voltou-se para mim, contra mim. Os vizinhos de lugar à mesa afastaram-se dos dois lados, para que eu melhor fosse visto. [...] Aristarco foi clemente. Era a primeira vez, perdoou. A pior hipótese do sistema do pelourinho era quando o estudante ganhava o calo da habitualidade, um assassinato do pudor, como sucedia com Franco (PO MPÉIA, 2003, p. 47).

A avaliação é vista simplesmente como controle, instrumento de discriminação e seleção social, à medida que assume, no âmbito da escola, a tarefa de separar os aptos dos inaptos, os capazes dos incapazes, além de legitimar o sistema dominante na sociedade. O papel da ideologia burguesa é lançar a todos o convite de chegar ao sucesso e convencer a quem não chegar de que o fracasso se deu por sua própria responsabilidade.

Quanto às recompensas:

Havia, porém, saídas extraordinárias de prêmio ou de obséquio. A cada lição julgada boa, o professor assinava um papelucho amarelo, **bom ponto**, e entregava ao distinto. Dez prêmios destes equivaliam a um cartão impresso, **boa nota**, como dez vezes vinte réis em cobre valem um níquel de duzentos. O sistema decimal aplicava-se mais à conquista de um diploma honroso, equivalente a um baralho de dez cartões de boa nota. Com tal diploma era o estudante candidato à condecoração final de uma medalha, de prata ou de ouro, conforme fosse mais ou menos ótimo nos diversos superlativos do merecimento escolar. Reduzia-se assim a papel o valor pessoal, na **clearing-house** da diretoria; ou melhor: adaptava-se a teoria de Fox ao processo de recompensas, com todos os riscos de um câmbio incerto, sujeito aos pânticos da bancarrota, sem um critério de justiça a garantir, sob a ostentação do papel-moeda, a realidade de um numerário de bem aquilatada virtude. Fosse como fosse, certo é que, com os bilhetes de boa nota, comprava-se uma saída, e isto era o importante, como nos países de más finanças: desde que o papel tem curso, de que vale o valor? Inútil dizer que me não chegavam nunca as saídas de prêmio. Tanto melhor me sabiam as outras (PO MPÉIA, 2003, p. 65).

### **Multitemáticas - Ano III - nº 03 - Jan/Jun 2005**

---

As reflexões de Sérgio dispensam comentários, pois lucidamente criticam o sistema avaliativo do colégio e da sociedade.

Segundo Vasconcelos, a avaliação pode desempenhar papel mais político que pedagógico.

A avaliação não é usada como recurso metodológico de reorientação do processo ensino-aprendizagem, mas, sim como instrumento de poder, de controle, tanto por parte do sistema social, como pela escola, pelo professor, tanto quanto pelos próprios pais. Pelo sistema: como forma de inculcação ideológica, domesticação, seleção e discriminação social; pela escola: como forma de legitimação da sua própria existência, como afirmação de sua importância; pelo professor: como forma de controle da disciplina e como forma de coerção para o aluno reproduzir a ideologia dominante, expressa no saber ali transmitido; pelos pais; como forma de controle e pressão sobre os filhos; a nota acaba sendo, muitas vezes, a única forma de acompanhamento do desenvolvimento escolar das crianças (1995, p. 39).

Quanto aos exames finais:

O sistema de provas e exames é intensamente reprodutor e perpassa a idéia de que educar é treinar o aluno para que ele se engaje em uma sociedade definitivamente organizada.

A estréia do primeiro exame foi de fazer febre. Três dias antes pulavam-me as palpitações; o apetite desapareceu; o sono depois do apetite; na manhã do ato, as noções mais elementares da matéria com o apetite e com o sono. *Memória in albis*. O professor Mânlio animava; a animação, lembrando o perigo, assustava mais. Esmagava-me por antecipação o peso enorme da bastilha da Rua do Ourives (Secretaria da Instrução Pública), como os tribunais ferozes, sem apelo; a terrível campanha penetrante da abertura da solenidade, os reposteiro plúmbeos de espesso verde, sopesando as armas imperiais, as formidáveis paredes de alvenaria secular. Que barbaridade aquela conspiração toda contra mim, contra um, de todos aquele perfis rebarbativos, contínuos, o matoso, o Neves Leão, as comissões, qual mais poderosa, carrancuda; o Conselho da Instrução no fundo, coisa desconhecida, mitológica, entrevista como pinturas religiosas das abóbadas sombrias, onde

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

as vozes da nave engrossam de ressonância, emprestando a força moral à justiça das comissões, com o prestígio da elevação e do inacessível; mais alto que tudo, o ministro do Império, o Executivo, o Estado, a Ordem Social, aparato enorme contra uma criança (PO MPÉIA, 2003, p. 137).

De repente abre-se uma porta. De dentro, do escuro saía uma voz, um alista de nomes: um, outro, outro... ainda não era o meu... Afinal! Não houve tempo para um desmaio. Empurraram-me; a porta fechou-se; sem consciência dos passos, achei-me numa sala grande silente, sombria, de teto baixo, de vigas pintadas, que faziam dobrar-se a cabeça instintivamente. [...] E as vidraças e os lugares que eram destinados aos examinandos, ficava a mesa examinadora. [...] Distribuiu-se o papel rubricado. Um dos examinadores levantou-se, apanhou com um movimento circular um punhado de pontos e lançou-os à urna. A urna de folha cantava irônica sob o cair dos números sonoramente. Tirou-se o ponto; momento de angústia ainda... Depois: estrofe dos Lusíadas! Estávamos livres da expectativa. Não me preocupou mais a dificuldade do ponto (PO MPÉIA, 2003, p. 138).

Assim, a avaliação visa à exatidão da reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula. Mede-se pela quantidade e precisão de informações que se consegue reproduzir. Daí a consideração de provas, exames, chamadas orais e exercícios que evidenciem a reprodução da informação. O exame passa ter um fim em si mesmo e o ritual é extremamente valorizado. As notas obtidas funcionam, na sociedade, como níveis de aquisição do patrimônio cultural.

Três pancadinhas que senti no calcanhar, chamaram-me das distrações. Voltei-me: era o meu vizinho da mesa de trás, o queixo de ébano que pedia socorro. [...] Atirei-lhe a oração principal, mas tive medo de acudir inteiramente. Além disso, precisava cuidar do próprio interesse (PO MPÉIA, 2003, p. 138).

O exame pode ser visto como um processo lotérico, que faz da progressão escolar um fato aleatório, em que todos os recursos são válidos, inclusive a fraude e a corrupção. A escolaridade é uma espécie de noviciado que precede, na religião, a recepção das 'ordens': cada série, cada ciclo, cada curso é um degrau na subida que leva o indivíduo

### **Multitemáticas - Ano III - nº 03 - Jan/Jun 2005**

---

ao topo da hierarquia social. Só os ingênuos enganam-se, supondo que avaliam a progressão intelectual dos alunos. A máquina classificatória passa por cima de todos os obstáculos, mesmo que para isso tenha de fraudar e corromper. Dessa forma, o aluno é impelido à fraude e a escola talvez esteja contribuindo no preparo do futuro administrador público corrupto e especialista em dar 'jeitinhos'.

O papel do professor em um sistema de ensino elitista e particular como o brasileiro, no período que ora analisamos, era o de levar o seu aluno a se transformar em um adulto capaz de pensar e agir segundo a razão, vivendo livre como ser inteligente, como pessoa e como cidadão, isto é, alguém capaz de, conscientemente, reconhecer o verdadeiro e o falso, julgar o certo e o errado na vida privada e pública e o legítimo e o não-legítimo no âmbito das suas responsabilidades para com a sociedade, enfim, deveria tornar seu aluno um autêntico indivíduo, condição fundamental para o desenvolvimento capitalista.

Com esse entendimento devemos apreciar o conceito de Mestre propagado no *O Ateneu*, vejamos:

Venâncio, professor do colégio, discursa. "O mestre é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentado no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu auxílio ampara-nos como a Providência na Terra; escolta-nos assíduo como um anjo da guarda; a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (sorites de sensação), e o espírito é a forma que impede, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família é o amor no lar, o Estado é a segurança civil; o mestre, com amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco - Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus - Aristarco. Eu me sentia compenetrado daquilo tudo; não tanto por entender bem, como pela facilidade da fé cega a que estava disposto" (POMPÉIA, 2003, p. 11-12).

Como pode observar o atento leitor, Sérgio, já adulto, coloca em dúvida o resultado de tais ensinamentos e Pompéia amplia a questão analisando a relação entre sociedade e educação, destacando seu

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

pensamento na fala de Dr. Cláudio, quando este profere uma palestra em favor do internato, divergindo do parecer vulgar que o condena:

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é tirania, a injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrejam as linhas sinuosas da indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? A reclusão exacerba as tendências ingênicas?

Tanto melhor: é a escola da sociedade. Ilustrar o espírito é pouco, temperar o caráter e tudo. É preciso que chegue um dia a desilusão do carinho doméstico. Toda a vantagem em que se realize o mais cedo. A educação não faz almas; exercita-as. E o exercício moral não vem das belas palavras de virtude, mas do atrito com as circunstâncias.[...] Ensaiado no microcosmo do internato, não há mais surpresas no grande mundo lá de fora, onde se vão sofrer todas as convivências, respirar todos os ambientes; onde a razão da maior força é a dialética geral, e nos envolvem as evoluções de tudo que rasteia e tudo que morde, porque a perfídia terra-terra é um dos processos mais eficazes da vulgaridade vencedora; onde o aviltamento é quase sempre a condição de êxito, como se houvesse ascensões para baixo; onde o poder é uma redoma de chumbo sobre as aspirações altivas; onde a cidade é franca para as dissoluções babilônicas do instinto; onde o que é nulo, flutua e aparece, como no mar as pérolas imersas são ignoradas, e sobrenadam ao dia as algas mortas e a espuma. [...] Cada mocidade representa uma direção. Não de vir os disfarces, as hipocrisias, as sugestões da habilidade, do esclarecimento intelectual; no fundo a direção do caráter é invariável. [...] O colégio não ilude. [...] O que tem que ser é já. E tanto mais exato, que o encontro e a confusão das classes e das fortunas equipara tudo, suprimindo os enganos de aparato, que tanto complicam os aspectos da vida exterior, que no internato apagam-se no socialismo do regulamento. E não se diga que é um viveiro de maus germes, seminário nefasto de maus princípios, que não de arborecer depois. Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete [...]

(PO MPÉIA, 2003, p. 149).

Veja leitor, Pompéia apresenta-nos por meio da personagem Dr. Cláudio uma leitura adequada quanto a relação escola e sociedade. Ele sabe que a realidade que precisa ser desvendada não é apenas o modo pela qual se acha organizada a sociedade em que vivemos e atuamos. É preciso compreender como essa organização social reflete e se manifesta e quais as conexões que ela estabelece com a realidade da instituição educativa e a sala de aula. Essa compreensão requer uma metodologia que lhe dê validade, clareza e coerência. A compreensão e a explicação do contexto social mais amplo é que devem fundamentar a posição que o educador tem diante de sua prática pedagógica. E dessa fundamentação devem ser selecionados e organizados os procedimentos didáticos que se operacionalizam na sala de aula.

Assim, a organização do trabalho pedagógico poderá desempenhar um papel contraditório: se de um lado regula o trabalho pela conformidade com as regras fixadas, mediante procedimentos formalizados; de outro, ela poderá propiciar o rompimento com o que está estabelecido. Cabe à instituição escolar e aos educadores, dentro dos limites de suas possibilidades, o papel decisivo de assentar a organização nos princípios socializantes e democráticos. Nesse sentido, uma metodologia será válida se estiver assentada nos fundamentos de um projeto político pedagógico voltado para a emancipação humana e com o compromisso de construção de um novo projeto de sociedade. Assim sendo, no processo de formação do educador faz-se emergente buscar uma alternativa metodológica que possa garantir a unidade teórico-prática no trabalho pedagógico.

A possibilidade apresentada neste estudo é a análise crítica da concepção do trabalho pedagógico não-vivida, mas apreendida por meio de textos literários. Em minha leitura, o Colégio Ateneu revela-se como um modelo de escola particular do Rio de Janeiro no século XIX onde a prática pedagógica é decorrente da posição assumida pelo educador diante do próprio fenômeno educativo, e essa posição, por sua vez, decorre da compreensão e da explicação do contexto social.

Segundo Veiga, no desenvolvimento dessa alternativa metodológica é importante o estabelecimento de um ponto de partida comum, ou seja, uma experiência vivida e outra não-vivida, mas apresentada por meio de textos literários que permitam o confronto com relação ao contexto social, histórico e cultural. É o encontro do presente com o passado, tendo em vista o futuro. Essa forma de organizar o trabalho pedagógico não reproduz um presente nem um passado,

## **Revista da Faculdade de Educação**

---

mas se debruça sobre a realidade concreta do hoje e a confronta com o passado, esse movimento dialético da metodologia em construção em uma abordagem relacional (2002, p.143).

Como últimas palavras deste texto, quero referir-me a Saviani quando diz que a educação tem papel ativo na sociedade e é preciso que os educadores reconheçam os seus condicionantes histórico-sociais, mas é necessário compreendê-los para agir a partir dos próprios condicionantes, que coloca nas mãos dos educadores "uma arma de luta capaz de permitir-lhes o exercício de um poder real, ainda que limitado" (1987, p.35-36).

Data de recebimento: 02/11/2004

Data de aceite para publicação: 11/03/2005

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COTRIM, Gilberto; PARISI, Mário. *História e filosofia da educação*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

FLORIDO, Janice. *Vida e obra de Raul Pompéia*. Encarte da Coleção O bras Primas. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

LUCESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da educação*. Coleção Magistério. São Paulo: Cortez, 1990.

LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 17. ed. São Paulo: Nacional, 1987.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O bras Primas. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - 1925- 1º semestre nº 50. Número especial dedicado ao barão de Macaúbas. Disponível em < [www.medicina.ufba.br/historia\\_med/hist\\_med\\_art09.htm](http://www.medicina.ufba.br/historia_med/hist_med_art09.htm) > , acessado em 30/04/04.

### **Multitemáticas - Ano III - nº 03 - Jan/Jun 2005**

---

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. *História da educação brasileira. A organização escolar*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. (Coleção universitária).

ROMANELLI, Otaíza Oliveira. *História da educação no Brasil*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

ROTTY, Richard. Heidegger, Kundera y Dickens. In: *Ensayos sobre Heidegger y otros pensadores contemporáneos*. Trad. Jorge Vigil Rubio. Barcelona, Paidós, 1993.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1987.

SNYDERS, G. *Pedagogia progressista*. Coimbra, Almedina, 1974.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A construção da didática numa perspectiva histórico-crítica da educação: uma introdução*. In: OLIVEIRA, M. Rita S. N. (Org.) *Didática, ruptura, compromisso e pesquisa*. Campinas: Papyrus, 1993.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Metodologia do ensino no contexto da organização do trabalho pedagógico. In: LEITE, Denise, MORESINI, Marília. (Orgs.) *Universidade futurante: produção do ensino e inovação*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico)

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado; RIBEIRO, Maria Luiza Santos; NORONHA, Otilinda Maria. *História da educação: a escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994 (Coleção aprender & ensinar).